



## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Crenças e Religiosidades [AT]

---

#### **A DISPUTA PELO CARISMA: ETNOGRAFIA SOBRE A FRATERNIDADE CATÓLICA TOCA DE ASSIS**

---

SILVA, Nayara Alvim<sup>1</sup>

Mestre em Antropologia Social

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

[nay.alvim@hotmail.com](mailto:nay.alvim@hotmail.com)

---



#### Resumo

A Toca de Assis, em apenas vinte anos de existência, adquiriu mais de mil adeptos consagrados que se encontravam espalhados em casas fraternas por todo o Brasil e em alguns outros países do mundo. Diante de seu crescimento vertiginoso, a Igreja Católica entrou em disputa visando reestruturar a vivência do sagrado dessa instituição e modelá-la para algo cada vez mais contido e permitido pelo clero, ou seja, havia uma tentativa de domesticar o sagrado. Diante múltiplas especificidades do carisma toqueiro, a Arquidiocese de Campinas assumiu o controle da Toca de Assis após o afastamento de seu fundador, alegando que os membros da fraternidade precisavam de novos direcionamentos. Com isso, o resultado até o presente momento é o fechamento de inúmeras casas fraternas e a desistência de vários religiosos e religiosas que abandonaram suas famílias por se identificarem com o carisma e a espiritualidade toqueira, vista por muitos como sendo radical por se basear nos três grandes pilares da consagração religiosa, a saber: a castidade, a obediência e a pobreza.

#### Abstract

Toca de Assis, in just twenty years of existence has acquired over a thousand consecrated who lived in fraternal houses scattered in all around Brazil and some other countries of the world. In front this vertiginous growth, the Catholic Church came into dispute to restructure the experience of the sacred of that institution and mold it into something increasingly restrained and allowed by the clergy. There was an attempt to domesticate the sacred. Faced multiple specificities of the charisma toqueiro, the Archdiocese of Campinas took control of Toca de Assis after the expulsion of their founder, alleging that members of the fraternity needed to new directions. With this, the result so far is the closing of several houses and waiver of various religious who left their families to identify with the charism and spirituality toqueira, seen by many as being radical because it is based on three pillars of religious consecration, namely, chastity, obedience and poverty.

Palavras-chave: Toca de Assis; Antropologia da Religião; catolicismo; carisma.

Keywords: Toca de Assis; Anthropology of Religion; Catholicism; charisma.

COM0824



## 1. Introdução

Segundo Carranza e Mariz (2009) há uma clara diferenciação entre os “novos movimentos católicos” e as “novas comunidades católicas”. O primeiro se assemelha ao conservadorismo da instituição, tendo até grande influência do clero. Mas, a intenção do movimento é a inclusão do laicato na vivência fraterna do carisma proposto pelo respectivo fundador, que por sua vez se destaca como uma figura carismática. Já nas novas comunidades a proposta é um pouco semelhante, mas se distancia no que tange a relação com a instituição. De certa maneira, as novas comunidades assumem um papel de maior autonomia frente à Cúria Romana, além de não estarem definidas no Código de Direito Canônico da Igreja, fato que não as impede de serem reconhecidas pelos bispos locais onde estão fixadas. O objetivo deste paper é demonstrar o movimento feito pela fraternidade católica Toca de Assis após o afastamento do seu fundador. Anteriormente, poderíamos dizer que a Toca de Assis se enquadrava mais no perfil de novas comunidades, pela maneira independente que Pe. Roberto Lettieri (seu fundador) conduzia as regras que regiam a fraternidade (que muitas vezes iam contra ordens do clero), pela sua aproximação com a espiritualidade carismática, pela sua certa autonomia e pela utilização de meios massivos de evangelização como mídia, Internet e grandes eventos.

Ainda de acordo com Carranza e Mariz (2009), pode-se afirmar que uma das razões acerca do crescimento dessas novas comunidades é a sua capacidade de incorporação de novos adeptos que se identificaram com a proposta do carisma, sejam eles religiosos ou leigos. Sem a presença carismática de Pe. Roberto, muitos toqueiros desistiram da vivência do carisma em fraternidade, fato que resultou no fechamento de várias casas. Assim, veremos principalmente o importante papel da Arquidiocese de Campinas em aproximar a Toca de Assis dos preceitos dos novos movimentos em detrimento das suas características iniciais de nova comunidade. O arcebispo campineiro, Dom Airton José, tem certa soberania nas delegações de novas ordens para a fraternidade, pois se concentra em tal cidade grande parte das atuais lideranças, que, por sua vez, as repassam para as outras casas fraternas espalhadas pelo Brasil. Todavia, percebe-se que mesmo com a ausência do fundador, os toqueiros ressignificam essas novas ordens na prática. Assim, a Toca de Assis, para utilizar uma categorização de Carranza e Mariz (2009), ora se apresenta com uma nova comunidade e outrora como novos movimentos. Digamos que essas manobras do clero campineiro seriam uma disposição do próprio catolicismo em produzir novidades enraizadas na tradição (Jacinto, 2010).

Mesmo em contextos secularizados, a religião ocupa um importante papel como mecanismo de construção da subjetividade humana. Observa-se a fronteira tênue entre o sagrado selvagem e o sagrado domesticado. Outra intenção deste paper é trabalhar no limite desses dois estados e mostrar por meio da realidade toqueira a dialética entre sagrado selvagem e sagrado domesticado. Assim, supostamente aproxima-se do que é vivenciado por esta fraternidade, a qual apresenta, talvez, a continuidade entre os termos. Conjetura-se que a busca de institucionalização e de reconhecimento perante a Igreja Católica Apostólica reflete ao que Bastide chama de “passar do sagrado selvagem ao sagrado domesticado, ou seja, uma domesticação do selvagem (...). A sociedade e a religião jogam, portanto, igualmente, visando transformar o espontâneo em institucional” (Bastide, 2006, pp. 251). Desta forma, acredita-se que esta tentativa de aproximação com a Igreja Católica responderia a uma necessidade de controle que a mesma tem, e que transpassa a ordem religiosa em sentido a uma ordem mais social.

## 2. Como tudo começou

Dentro do ambiente testemunhal de adoração ao Santíssimo Sacramento e de amor aos *irmãos de rua*<sup>2</sup>, alguns jovens sentiram um chamado para um seguimento radical do Evangelho através da vivência fraterna comum e da prática dos Conselhos Evangélicos (castidade, pobreza e obediência) que fundamentam o carisma toqueiro.

Partindo desses princípios, a Fraternidade de Aliança Toca de Assis foi fundada na cidade de Campinas-SP no dia 13 de maio de 1994 pelo então seminarista Roberto José Lettieri, junto com outros três jovens:

Rogério de Andrade Penha (após se ordenar padre, deixou de ser toqueiro. Atualmente ocupa o cargo de assessor eclesial da Fraternidade); Celso Luís Gomes dos Santos, conhecido como Irmão Fratello (também já não faz parte da fraternidade como religioso); e Valmir Gomes de Oliveira, o Irmão Alegria (falecido devido a problemas cardíacos).

Padre Roberto Lettieri começou a sua trajetória como religioso de uma maneira bem singular. Segundo consta em uma edição da Revista Toca de Assis (2005, pp. 6), em 1982, o jovem Roberto, natural do litoral paulista, recebeu um convite para treinar futebol com o time profissional do Sport Club Corinthians Paulista. Considerado por toda família como um fanático pelo seu clube, ele trocou esse convite de adentrar ao mundo futebolístico por um convite de amigos próximos para participar de um encontro de jovens na Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho, localizada no bairro da Mooca.

Como até então Roberto vivia para o futebol, todos os seus familiares estranharam a mudança de postura repentina do jovem. Entretanto, aquele encontro foi para ele o pontapé inicial de uma vida de entrega a Deus, passando de católico não praticante para uma experiência espiritual direta e comprometida com o catolicismo. Daí em diante surgiu a sua vontade de entrar para o seminário e, no ano de 1983, ele ingressou na Ordem dos Estigmatinos e passou a residir no Seminário da Congregação dos Sagrados Estigmas, vinculado a Igreja Nossa Senhora do Bom Conselho. Ainda na Revista Toca de Assis, Roberto afirmou que: “até os meus 21 anos eu não conhecia Deus, não conhecia a Igreja, não conhecia nada. (...) Mas, mesmo eu não indo atrás de Deus, ele já estava atrás de mim” (Revista Toca de Assis, 2005, pp.6). Foi nesse momento que o padre conheceu e se aprofundou sobre a vida de São Francisco de Assis.

Com efeito, as características elencadas a respeito da formação sacerdotal de Roberto têm muito a dizer sobre a fundação do Instituto. A radicalidade que o padre passou a viver e a encarar o seu sacerdócio o atraiu para a vida consagrada, logo, muitos jovens ávidos pela espiritualidade carismática e pela radicalidade de viver a vocação por meio da Toca de Assis. Segundo Carranza e Mariz (2009), Roberto Lettieri teve sua experiência de conversão religiosa por meio do Treinamento de Lideranças Cristãs (TLC). Esse treinamento foi inspirado nos Cursilhos de Cristandade, movimento pastoral criado na Espanha (entre as décadas de 1930 e 1940) e que chegou ao Brasil em 1965, por meio de Pe. Haroldo Joseph Rahm, seu fundador. Desde então, ele atua como um dos diretores espirituais do Cursilho em nosso país, ministrando treinamentos que têm como objetivo formar lideranças cristãs interessadas em refletir criticamente a vivência cotidiana por meio dos ensinamentos de Jesus Cristo. Sendo assim, percebemos a relação estreita entre o Pe. Roberto e Pe. Haroldo.

Foi aos pés da Basílica de Nossa Senhora do Carmo, onde se localiza a praça Bento Quirino, em Campinas-SP, que se deu o locus de atuação dominical do então seminarista Roberto, que se deslocava (em seus dias de folga do seminário onde residia) para ir ao encontro dos pobres e para oferecer-lhes uma peça de roupa, uma conversa, uma oração ou, até mesmo, um prato de comida. Ainda de acordo com a Revista Toca de Assis (2005), a sua relação com os *irmãos de rua* era de tamanha cumplicidade que, por muitas vezes, Roberto trocava sua cama no seminário pelas calçadas e praças da cidade.

Apesar de toda essa emblemática em torno da trajetória do Pe. Roberto, o objetivo central deste texto, conforme já mencionado, é mostrar como a fraternidade afastou-se da centralidade da figura do fundador como o líder portador do carisma pessoal, ao mesmo tempo em que se constituiu como uma nova comunidade. Assim, veremos como a Igreja tem tentado domesticar o sagrado selvagem (Bastide, 2006, pp.57), isto é, esse carisma apresentado pelo fundador, tentando “substituí-los por uma lei interna de organização (formal)” (idem), impondo-se como um mecanismo de defesa e controle contra a “irracionalidade” do sagrado.

### **3. O carisma toqueiro**

Nos últimos anos percebeu-se que a Fraternidade Toca de Assis estava passando por uma rotinização do carisma. Luiz Roberto Benedetti (2009), em seu texto sobre os novos rumos do catolicismo, postula que a Igreja Católica ao longo de vinte séculos concretizou o seu propósito de transformar o carisma pessoal em carisma de função. Assim, a autoridade eclesial da Igreja Católica tem enquadrado as novas comunidades

católicas na sua “forma social de ser”, mostrando a sua autoridade ao controlar movimentos, as suas divergências e sua tentativa constante de moldar as suas dissidências.

A formação dos toqueiros era completamente centrada na figura do seu líder e o seu discurso era tido como verdade suprema a ser seguida, o que legitimava, assim, o seu poder perante aos demais. Nesse ínterim, é possível perceber que com o seu afastamento, o poder eclesial tomou o lugar do líder carismático e o discurso foi canalizado para a figura do Cristo como único salvador e merecedor de tantos seguidores. A Igreja Católica, por sua vez, à luz de sua tradição vem tentando apagar a figura do líder e fazer emergir um novo carisma rotinizado.

Os toqueiros, seguindo os três votos da consagração – pobreza, castidade e obediência – e alicerçados pelo evangelho de Mateus, que diz que “todo aquele que tenha deixado casa ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou filhos, ou terras, por causa do meu nome, receberá muito mais e herdará a vida eterna” (Mt 19.29), revelam em si esse poder sobrenatural do Espírito Santo, que lhes orienta na pessoa do portador principal do carisma dado por ele, movendo-os para esse novo formato de vida baseado na abnegação. Entretanto, Benedetti (2008) afirma que o processo interior das *comunidades de vida* é bem marcado. Ele diz: “guiadas pelo carisma do fundador, passaram do entusiasmo inicial, renovador, assumindo tarefas sociais relevantes do momento, a uma acomodação e burocratização institucional que domesticou a energia fundante e a pôs a serviço da instituição”<sup>3</sup>

Viver segundo o propósito pregado pelas novas comunidades católicas exige uma série de abnegações e a principal delas é a própria autonomia. Quando se adentra ao mundo fraterno, as regras estabelecidas pelo fundador ou pela instituição são intransferíveis e segui-las torna-se motivo de orgulho para os religiosos. Ser obediente, viver em comunidade e viver a experiência da pobreza responde ao desejo imagético dos jovens de viverem o *habitus* toqueiro e se mostrarem ao mundo de forma radical.

O processo que a Toca de Assis vive de domesticação do carisma, burocratização de sua missão e rigidez na vivência, mostra essa cautela da Igreja Católica em compreender as mudanças na sociedade (ao se apresentar como único caminho de salvação) e a sua dificuldade em aceitar a multiplicidade de carismas dessas novas comunidades católicas. Se antes a fraternidade atraía principalmente jovens de classe média para viverem essa radicalidade do *carisma toqueiro*, atualmente essa realidade sofreu alterações e a adequação do instituto religioso às novas delegações da Igreja Católica para a vida religiosa trouxe o desencantamento de certos vocacionados. Conjectura-se que a dificuldade da instituição católica em reconhecer que forças individuais estão sobrepondo a sua supremacia, mesmo não sendo em nenhum momento o interesse do fundador, é o principal motivo para essa intervenção direta. Todavia, através do discurso do fundador da Toca de Assis é possível perceber outra perspectiva:

O carisma dado por Deus Sacramentado aos *Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento* para: Sua honra e glória; Manifestação da Santidade da Igreja, Corpo Místico de Cristo; Bem do povo de Deus e santificação de seus membros, que consiste em amar a Igreja de Deus pela perpétua adoração ao Santíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Grande Deus e Senhor Jesus Cristo seu Amado e dileto Esposo; Amar a Igreja de Deus, buscando no corpo místico de Nosso Grande Deus e Senhor Jesus Cristo seu Amado e dileto Esposo aliviar seus sofrimentos nos pobres sofredores e sofredoras de rua e amar a Igreja de Deus anunciando o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Seu Santíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade, de cidade em cidade de maneira itinerante e testemunhal<sup>4</sup>.

As novas comunidades católicas apresentam a proposta de uma singela renovação no interior da Igreja. Logo, características comuns ao carisma como, por exemplo, ver no pobre o próprio Cristo ou propor uma performance de ser igreja em moldes medievais, podem ser vistas fortemente na Toca de Assis. Brenda Carranza (2009) afirma que “em tempos de anonimato metropolitano, a Toca é um lugar de pertencimento e reconhecimento” não só dos que estão morando nas ruas, valorizando-os, mas também dos religiosos, que, como disse um religioso, “nós somos diferentes porque as pessoas olham para nós e nos enxergam como um símbolo do sagrado. Nós carregamos a cruz no peito e somos referência de Cristo pela cidade. Nós os lembramos de que Deus existe”. Portanto, para defender esse modelo de Igreja idealizado pela fraternidade,

pautado no zelo pela sua liturgia, pela santidade de seus membros e especialmente o seu clero, o fundador lutou veementemente contra o relativismo que, segundo ele, adentrava na instituição.

O carisma da Toca de Assis sempre trabalhou muito bem com o moderno e o medieval. Se ora eles valorizam esse retorno ao passado, com práticas pré-conciliares, vestimentas que remetiam ao passado e elementos de um catolicismo tradicional, outrora eles utilizam meios altamente modernos (como as redes sociais e vendas de produtos como camisetas e CDs) para evangelizar e tornar esse carisma conhecido. Portella (2009) salienta que a fraternidade é uma simbiose paradoxal de elementos e posturas pré-modernas e modernas.

#### **4. A Toca de Assis vive novos ares**

Se outrora o fundador questionava algumas normas da instituição e tentava gerir a fraternidade de acordo com as suas convicções, logo após o seu afastamento e um pouco antes do falecimento de Dom Bruno Gamberini <sup>5</sup> foi divulgado o decreto de aprovação das constituições do *Instituto de Vida Consagrada Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento*. Dom Bruno, que esteve à frente da confecção deste decreto a pedido da fraternidade, salientou que:

CONSIDERANDO QUE o Instituto de Vida Consagrada “Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento” é estavelmente atuante e existente.

CONSIDERANDO QUE a elaboração das Constituições foi legitimamente acompanhada e orientada pelo Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Campinas, obtendo nossa aprovação.

CONSIDERANDO QUE os Institutos de Vida Consagrada são, pela profissão dos conselhos evangélicos, uma forma estável de viver, pela qual os fiéis, seguindo mais de perto a Cristo sob ação do Espírito Santo consagram-se totalmente a Deus (Cf. Cân. 573). E que cabe à competente autoridade da igreja interpretar os conselhos evangélicos, regular por meio de leis sua prática e, assim constituir pela aprovação canônica formas estáveis de viver. (cân. 576).

HAVEMOS POR BEM, por meio do presente Decreto, no uso das faculdades a nós concedidas pelo Direito de aprovar e promulgar as Constituições do Instituto de Vida Consagrada “Filhos da Pobreza do Santíssimo Sacramento” *Ad Experimentum por cinco anos*.

Que a Virgem Maria permaneça junto de cada filho da Pobreza do Santíssimo Sacramento, intercedendo pela sua fidelidade na vivência do Carisma próprio, a fim de que, este Instituto de Vida Consagrada, como Igreja, em fidelidade à ortodoxia e em comunhão com o Arcebispo, abrace com empenho a sua missão profética na construção do Reino de Deus. Exorto ainda, que todos os membros se esforcem no estudo e vivência das novas Constituições (Decreto promulgado no dia 15 de maio de 2011).

No mesmo dia em que o documento foi promulgado (em 15 de maio de 2011) foi publicado no blog “Toca Vocacional Irmãos” um comentário público dos toqueiros a respeito das novas constituições e que podem ser interpretados como os primeiros passos públicos para as mudanças:

Temos a alegria de partilhar com vocês um grande presente que hoje recebemos de Deus pelas mãos da Santa Igreja. Após um ano de elaboração e avaliação, o senhor Arcebispo Metropolitano de Campinas-SP, Dom Bruno Gamberini, entrega ao nosso Instituto o decreto de aprovação de nossas Constituições. Isso significa que temos dados os passos certos para a vivência e fidelidade ao carisma a nós confiado, e que de fato a Igreja concorda com nossa regra e forma de vida. Muitos passos foram dados até o dia de hoje, muitas pessoas passaram por nós e deixaram a sua contribuição na entrega de vida a este carisma e na busca autêntica da vontade de Deus<sup>6</sup>.

Tal documento caracteriza a nova Toca de Assis como exclusivamente subordinada à autoridade da Igreja Católica, a qual irá, a partir de tal data, regular por meio de suas leis a vivência da fraternidade. Com o intuito de alcançar esse reconhecimento pleno, desde 2003 o *Instituto Filhos e Filhas da Pobreza do Santíssimo Sacramento* pleiteia o status de ordem (ou melhor, de Direito Pontifício) no Vaticano, com o



apoio do cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, atual arcebispo de São Paulo. Com este reconhecimento pontifício, subentende-se que a Igreja Católica Apostólica Romana percebe o Instituto como parte do corpo místico da igreja, ou, usando uma explicação nativa, “reconhece a Toca como um dom de Deus, necessário para o fortalecimento da fé católica no mundo”. Conquanto, antes desse processo, o primeiro passo dado pela fraternidade nesta busca de autonomia foi alcançar o Direito Diocesano, o qual se deu através da Arquidiocese.

O Direito Diocesano instaura algumas restrições, que são abolidas apenas com o Direito Pontifício. A cargo de exemplo, como um Instituto de Direito Diocesano, a Toca de Assis fica a mercê da autoridade episcopal do lugar que deseja se instalar, podendo ser ou não “aprovada” para permanecer na cidade. Segundo Portella, “os motivos que levam uma diocese a vetar a entrada da Toca de Assis em seus domínios costumam ser a orientação teológica e visão de trabalho social diferentes dos da Toca de Assis” (Portella, 2009, p.44).

Todo processo de reconhecimento pontifício é bastante moroso e perpassa inúmeras etapas. Primeiramente, o fundador Roberto Lettieri formulou o estatuto com todas as constituições legitimamente acompanhadas e orientadas pelo *Tribunal Eclesiástico Interdiocesano de Campinas*. Posteriormente, após receber o parecer positivo do tribunal regional, este estatuto foi encaminhado para a *Congregação para a Doutrina da Fé*<sup>7</sup>, que tem verificado se tal estatuto está de acordo com a fé, a moral e a disciplina da Igreja Católica. E em todo processo é comum a solicitação da alteração de alguns pontos do estatuto, caso a Santa Sé julgue necessário. Feitas as devidas correções, ainda é imprescindível aguardar o decreto da Santa Sé que, mesmo aprovado, vem em caráter experimental (*ad experimentum*) por certo período de tempo.

Luiz Roberto Benedetti (2009, pp.17), em um artigo sobre os novos rumos do catolicismo, aventa que a “Igreja Católica não consegue mais controlar seus membros e tenta desesperadamente impor sua visão de mundo, valores e normas que daí emanam à sociedade que provoca essa situação de liberdade face às instituições”. A vivência com o sagrado é marcada por escolhas pessoais. E a instituição católica posiciona-se em uma constante tentativa de transformar o carisma pessoal em carisma de função, ou, usando uma expressão de Peter Berger (1985), busca uma “rotinização” do carisma. E mesmo que essas novas comunidades católicas tenham inspirações em modelos do passado, como o caso da Toca de Assis que se espelha na vivência fraterna proposta por São Francisco de Assis, a Igreja ainda tem força suficiente para “enquadrar” esses novos grupos no seu modelo desejável.

O arcebispo emérito de Londrina, Dom Albano Cavallin relata em uma matéria publicada em um jornal de Belo Horizonte o seu posicionamento em relação à fraternidade:

Nós bispos acreditamos muito no carisma da Toca de Assis, a grande devoção a Cristo na Eucaristia, um amor realista ao pobre mais pobre e uma intercessão perene para os sacerdotes e as pessoas consagradas. Conhecemos e vivemos agora com eles e estamos dando uma dimensão nova para a Toca (Fonte: Jornal de Opinião, Ed. 1078, Arquidiocese de Belo Horizonte/MG).

Segundo o arcebispo, a grande meta da Arquidiocese de Campinas seria tornar a Toca de Assis uma entidade com viés mais eclesial. “Encontramos uma docilidade grande da parte dos jovens que, no sofrimento, acreditaram que a mãe Igreja está perto deles e Deus está conduzindo-os a uma maturidade”, disse Dom Albano. Esse mesmo bispo realiza reuniões periódicas com os ministros gerais de cada área, com o intuito de “reavaliar” alguns pontos como, por exemplo, a formação dos consagrados (que por muito tempo era realizada de maneira independente), além do hábito e da rotina diária dos mesmos. Ele ainda acrescenta que “estamos nos reunindo e trabalhando junto com os guardiões das casas e dirigentes da Fraternidade e refletindo sobre a importância de uma atualização em quesitos do carisma”.

Essa capacidade da instituição de colocar sob o seu controle é algo recorrente até hoje. As novas comunidades católicas acabam perdendo sua capacidade inovadora e transformam-se em grupos “que a instituição eclesial põe a serviço da manutenção de suas estruturas” (Benedetti, 2009, pp.18). Vimos no discurso acima como a instituição apresenta dificuldades para absorver outras formas de viver o sagrado e contra-argumenta que os indivíduos estão “perdidos”, “inseguros”, “desenraizados”, ou seja, é preciso que ela os enquadre na doutrina oficial e mostre-os o caminho “correto”.

Conforme ficou claro até aqui, Pe. Roberto até então lidava muito bem com essa resistência dentro do ambiente intraeclesial, porém, pode-se também interpretar tais acusações contra ele como um bom argumento utilizado pela Igreja Católica para afastá-lo e abalar a sua imagem perante os seus admiradores. E essa veneração pelo líder carismático, de certa maneira tende a abalar o poder do discurso eclesialístico e a sua soberania, visto que o líder tende a estabelecer uma forte relação com seus seguidores, pautado no companheirismo radical e cimentado no amor mútuo entre eles. Na perspectiva weberiana, esse líder carismático tende a envolver totalmente os indivíduos por meio da sua autoridade e presença constante entre eles. Por mais que a relação seja vertical, por se tratar do pastor e suas ovelhas, a sociabilidade diária quebra essa barreira e horizontaliza a relação.

O fundador da Toca de Assis se aproximava, em certa medida, dos mesmos ideais pregados por São Francisco de Assis. O religioso pregava a proximidade entre os homens e aqueles que são marginais em nossa sociedade. Sua presença era constante nas casas fraternas e sua imagem era alimentada diariamente pelos toqueiros. Da mesma maneira que ele divulgava o seu amor pagão ao time futebolístico, beirando a uma adoração, ele tinha o Santíssimo Sacramento como modelo, e também pregava a obediência a Santa Igreja Católica. São Francisco de Assis também ia de encontro aos leprosos do seu tempo e tinha Cristo por modelo. Também pregava a obediência, mesmo que sua fé não se assentava nos preceitos institucionais. E apesar de ter liderado uma mudança no catolicismo, terminou sua vida dentro do mosteiro de sua ordem religiosa. A instituição tentou e conseguiu controlar a vivência da fé pregada por ambos.

Voltando ao processo de reestruturação da *Toca de Assis*, é importante destacar que o mesmo afetou todos os setores da fraternidade. A vivência fraterna entre religiosos e *irmãos de rua* diminuiu e o argumento usado para explicar tal mudança foi pautado por uma preocupação em uma formação pessoal de cada membro, sendo que a vivência com o pobre limitava essa preparação. Durante muito tempo as pastorais de rua foram suspensas e substituídas por conselhos mensais entre os bispos responsáveis pelo conselho eclesialístico da fraternidade. Em uma visita a casa fraterna Vila de Assis, um religioso me recebeu e apresentou a estrutura física da casa. O terreno era imenso e a sede era bem dividida em grandes cômodos, porém, ele explicou que por muitos anos os religiosos viviam na edificação mais antiga, que ficava ao lado da atual e possuía mais espaço para acolher os *irmãos de rua*. A *Vila de Assis* por muitos anos foi o modelo de *casa fraterna* entre os religiosos, pois abrigava mais de cem *irmãos de rua* em suas dependências e recebia diariamente centenas de homens e mulheres em busca de banho, roupa limpa e comida. Além de atendê-los, todas as terças-feiras eram organizadas pelos religiosos que lá residiam, a *macorronada*, uma pastoral de rua em frente à Praça da Sé, em São Paulo.

O lugar escolhido para a atuação dos toqueiros já é bastante sintomático. Segundo Delcídes Marques (2009), a Praça da Sé é uma importante referência para a história paulistana e desde muitos anos o espaço é utilizado para pregações de várias denominações religiosas. Data-se que nos primeiros séculos da cidade era recorrente a utilização de tal espaço para fazer procissões e festas pelos religiosos católicos. O tempo foi passando e hoje a Sé se consolidou como um grande centro comercial, concentrando inúmeras lojas. Contudo, o sagrado e o profano coexistem neste espaço e pregadores de várias religiões, curandeiros, ciganos, benzedeiros, fazem dela o palco para as suas respectivas atuações. Eles apropriam do espaço público para a sua prática religiosa, logo, constroem aquela realidade por meio da vivência da fé. A centralidade da Sé favorece também a atuação dos toqueiros, visto que a Catedral da Sé é um expressivo ícone da tradição católica na cidade de São Paulo. O fato de escolher a praça corrobora com o argumento de que mesmo em um espaço de constante disputa entre credos, o intento dos toqueiros era também demarcar o seu carisma naquele espaço tão plural. Além disso, é válido destacar que o local também concentra uma quantidade expressiva de pessoas em situação de rua, facilitando a larga evangelização em um único lugar.

A Praça da Sé era o *pedaço* dos *toqueiros* na cidade de São Paulo<sup>8</sup>, ou seja, era o espaço afora a *casa fraterna*, de intensa sociabilidade entre os religiosos e os *irmãos de rua*. A rua era o espaço onde o sagrado e o profano se imbricavam. E se pensarmos na Praça da Sé, veremos não um distanciamento radical entre o sagrado e o profano, mas intercessões entre as duas esferas. A praça seria o ponto de contato externo ao mundo particular da *casa fraterna*, ou seja, era ir de encontro ao profano no seu espaço e não simplesmente

moldá-lo no ambiente “sagrado” da *casa fraterna*. Conjectura-se que era a Igreja Católica ocupando o espaço público e reproduzindo a sua crença em um ambiente secularizado.

Assim como as pastorais de rua, a *macarronada* também foi suspensa em 2009. No mesmo ano foi publicada uma matéria sobre a Toca de Assis na Revista Isto É <sup>9</sup> que destacava a atuação dos toqueiros na cidade de São Paulo e apresentava sumariamente o carisma da fraternidade. Na matéria era possível ler que naquela época apenas 18 religiosos cuidavam diariamente de 126 pessoas em situação de rua, que viviam com eles. O prédio antigo tinha uma grande enfermaria, cozinha industrial, cômodos destinados a rouparia, sala de convivência, capela, enfim, a casa acolhia com conforto muitos moradores. Contudo, por ser uma edificação antiga, a vigilância da saúde fez uma vistoria e obrigou-os a sair com urgência dela, pois a mesma corria sérios riscos de desmoronar. Um religioso relatou-me que eles tentaram por inúmeras vezes um apoio da prefeitura para reformá-la e não obtiveram retorno positivo. Ele ainda revelou que por ser muito velha, uma reforma não resolveria e o ideal seria colocá-la abaixo e fazer outra. De todo modo, já havia sido construído uma nova casa no mesmo terreno e eles mudaram para ela logo após o comunicado. Por mais um tempo eles continuaram a atender os *irmãos de rua* diariamente, mas, segundo o religioso, com a saída de muitos toqueiros, ficou impossível manter a proposta inicial e os acolhidos foram enviados para outras comunidades, como, por exemplo, a Comunidade Shalom.

Esse foi apenas um exemplo para pensarmos a nova Toca de Assis, que surgiu com o afastamento do Pe. Roberto. Não só a prática mudou, mas o discurso. Quando o toqueiro questiona o carisma que o atraiu para a fraternidade, pautado nas regras do Pe. Roberto, ele não está só questionando o carisma fundado por ele, mas também colocando em xeque a bandeira de que “*a faculdade da Toca é a rua*”. Esta frase atualmente não tem mais sentido para eles, o que pode ser comprovado não só pela supressão – ou diminuição drástica – das pastorais de rua em muitas casas fraternas, mas pela mudança no discurso. A vivência da radicalidade do evangelho nas ruas foi trocada pelos muros das casas e das universidades. A rua perdeu parte de sua importância no contexto da atuação toqueira. Os jovens que outrora eram atraídos pelo exotismo do *carisma toqueiro*, hoje são convencidos de que é preciso estar em consonância com a Igreja Católica, ou usando as palavras de Dom Albano, “é preciso testemunhar a experiência com o Santíssimo Sacramento, mas ela deve ser embasada na verdade da Igreja”.

## 5. Considerações finais

O que este texto tentou mostrar, principalmente no que tange aos novos movimentos católicos, é que existem múltiplas maneiras deles se organizarem. Tal fato nos leva a repensar as categorizações e engessamentos do termo. A retirada de uma liderança carismática possibilitou um movimento onde ressurgiu a supremacia do poderio católico, entretanto, ao mesmo tempo é possível observar como os religiosos e leigos driblam esse poder e ressignificam suas práticas para se manterem no cenário religioso.

Se a participação dos leigos dentro da antiga formatação religiosa da Toca de Assis era mais limitada e um pouco periférica, após o afastamento do fundador observa-se a inclusão dos leigos na rotina diária das casas fraternas. A participação mais intensa e radical do carisma da Toca de Assis, que era restrita aos religiosos consagrados (toqueiros e toqueiras), abre-se para aqueles que também se identificam com o carisma, mas que não desejam viver a vida celibatária.

Os toqueiros, que outrora estavam acostumados com um carisma que ressaltava o cuidado aos mais necessitados e a vivência da pobreza máxima, hoje se veem amarrados aos preceitos da tradição católica e estão diante do que Peter Berger (1985) chamou de “imperativo herético”. O que significa que os adeptos estão abertos a escolherem o caminho que melhor o convém. Assim, a Toca de Assis tem mostrado a sua dinamicidade. Mesmo com a ausência do fundador e das novas imposições do clero, ela não se ausenta de explorar novos percursos, refazer sua identidade e construir um novo futuro para o *carisma toqueiro*. Um futuro que se volta para a formação dos religiosos, tanto religiosa como intelectual, insere os leigos no contexto interno e cria argumentos mais ligados ao estilo de religiosidade tradicional católica, para atrair os jovens. Nesse sentido, observa-se a emergência da figura de São Francisco de Assis como exemplo de uma

referência segura e que confirma valores como humildade, fidelidade e obediência subserviente à hierarquia da Igreja Católica (Teixeira, 2009).

Através deste *paper* foi possível compreender a atual articulação da Toca de Assis em unir uma fidelidade institucional às estratégias modernas dos novos movimentos católicos. Logo, ela ganhou uma nova forma e dinâmica, renasceu, ressurgiu e se difunde novamente. Assim pretendeu-se mostrar como a fraternidade se normatizou, afastou dos preceitos carismáticos da RCC e se aproximou das antigas congregações religiosas. É o paradoxo e a passagem do espontâneo para o institucional.

## Referências bibliográficas

- Bastide, Roger (2006). *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Berger, L. Peter (1985). *O Dossel Sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulus.
- Benedetti, Roberto (2009). "Novos rumos do catolicismo". In Camurça, Marcelo; Carranza, Brenda; Mariz, Cecília [orgs.]. *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Carranza, Brenda (2009). "Perspectivas da neopentecostalização católica". In Camurça, Marcelo; Carranza, Brenda; Mariz, Cecília [orgs.]. *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Carranza, Brenda; Mariz, Cecília (2009). "Novas comunidades católicas: porque crescem?". In Camurça, Marcelo; Carranza, Brenda; Mariz, Cecília [orgs.]. *Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida, SP: Idéias & Letras.
- Jacinto, Pierina Angélica Sorratto (2010). *Pobreza e Alianças: Análises das relações entre uma comunidade de vida e aliança no Espírito Santo e a cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP.
- Magnani, José Guilherme C (2002). "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In Magnani, José Guilherme C.; Torres, Lílian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp.
- Marques, Delcídes (2009). *Confissões e ficções de um antropólogo: Etnografia dos pregadores da Praça da Sé*. Dissertação de mestrado. Campinas, SP.
- Portella, Rodrigo (2009). *Em busca do Dossel Sagrado: A Toca de Assis e as novas sensibilidades religiosas*. Tese de doutorado. Juiz de Fora, MG.
- Teixeira, Faustino (2009). "Fases do Catolicismo contemporâneo". In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.). *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis, RJ: Vozes, pp. 17-30.
- Toca dez anos (2005). *Publicação especial de dez anos da Fraternidade Toca de Assis*. Campinas, maio de 2005.
- Wolfart, Graziela. "Novas comunidades católicas: 'tradução' mais visível da influência das mudanças sociais sobre a religião. Entrevista com Luiz Roberto Benedetti". In Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2791&secao=307](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2791&secao=307). Acesso em 15 de abril de 2014.

---

<sup>1</sup> Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAN/UFMG), sob a orientação do Profa. Dra. Ana Lúcia Modesto. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

<sup>2</sup> Trata-se das pessoas em situação de vulnerabilidade social, isto é, pessoas que por algum motivo se encontram morando seja temporariamente ou definitivamente nas ruas. Preferi adotar em todo o decorrer deste trabalho o mesmo termo usado por eles, *irmãos de rua*.

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=2791&secao=307](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2791&secao=307). Acesso em 15 de abril de 2014.

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.flogao.com.br/tocadeassis/blog/994946>. Acesso dia 26 de dezembro de 2012.

<sup>5</sup> Dom Bruno Gamberini foi nomeado como Arcebispo Metropolitano de Campinas, em 2004 e faleceu no dia 28 de agosto de 2011 em decorrência de complicações causadas por diabetes, falência dos rins e fígado. Na edição da Revista Toca de Assis do mês de novembro de 2011 é possível ler que “Dom Bruno assumiu um papel muito especial em nossas vidas: num momento em que a Toca viveu a aridez e tribulações, ele nos acolheu e nos norteou. Parte de nossa atual e contínua reestruturação se deve ao auxílio, carinho e apoio de nosso Bispo” (Revista Toca de Assis, novembro de 2011, p. 08).

<sup>6</sup> Disponível em <http://tocavocacionalirmaos.blogspot.com.br/2011/05/aprovacao-de-nossas-constituicoes.html>, acesso em 24 de janeiro de 2013.

<sup>7</sup> Considerada a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, a Congregação para a Doutrina da Fé (CDF) é um dos órgãos da Santa Sé. Ela engloba a Comissão Teológica Internacional e a Pontifícia Comissão Bíblica, e tem como função difundir a doutrina católica e defender aqueles pontos de tradição católica que possam estar em perigo, com consequência de doutrinas novas não aceitáveis pela Igreja Católica.

<sup>8</sup> O termo “*pedaço*”, em seu sentido antropológico, é definido “quando o espaço – ou segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani In Magnani & Torres, 2000, p.32).

<sup>9</sup> Disponível em

[http://www.istoe.com.br/reportagens/11688\\_COMO+SAO+FRANCISCO?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/reportagens/11688_COMO+SAO+FRANCISCO?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage). Acesso dia 04 de maio de 2013.